



De repente e de forma mágica virei professor, confesso que

tinha preconceitos a esse ofício, sonhava na juventude em ser ator de televisão e portanto minha primeira formação foi de técnico em ator, mas quando meu colega de escola de teatro, apareceu na novela das nove, lindo virou um dos galas da televisão brasileira, eu que já tinha começado a dar oficinas de teatro para crianças em um projeto do Estado de São Paulo,



*(Imagens dos espetáculos e das oficinas com que eu trabalhava antes de entrar na escola.)

tratei de fazer uma faculdade de educação artística com especialização em Artes Plásticas, estava então trabalhando com teatro de bonecos em escolas infantis e festas de aniversário, e também fazendo oficinas de brinquedos em

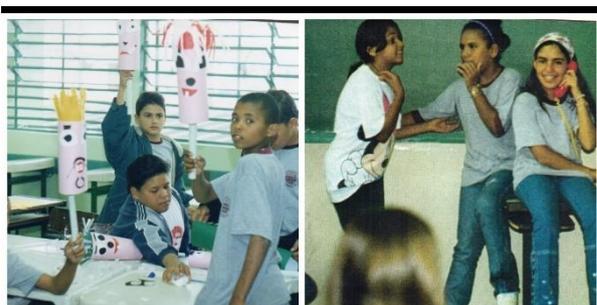
instituições e prefeituras, e de vez em quando como professor de teatro em projetos específicos, tinha pouco referência do trabalho realizado na educação formal, quando em algum dia de 1999, uma vizinha que já trabalhava como professora me viu chegar de uma apresentação de teatro em EMEI, me acenou com um papel na mão que era a inscrição para o concurso para professor da cidade de São Paulo, e já foi dizendo que o dia seguinte era o ultimo dia para a inscrição, falei:

Não posso amanhã tenho que fazer duas apresentações do teatro de bonecos em uma EMEI, mas peguei o papel para ver, em choque com a surpresa da coincidência de que o único banco para pagar a inscrição, era vizinho da EMEI que eu ia fazer o show no dia seguinte. Claro que eu paguei a taxa e fiz a inscrição, e logo em seguida esqueci, passado algumas semanas depois, chegou pelo correio o papel com a data e o endereço da prova, sem estudar uma linha, fui fiz o concurso e esqueci, passados alguns meses, chegou a correspondência que eu tinha entrado e precisava levar os documentos e fazer os exames médicos, fiz e assim fui dia 14 de janeiro de 2000 assinar o ponto na escola e já comecei de férias, mas fevereiro chegou e as aulas começaram.

Vocês me permitam essa introdução antes de entrar propriamente no projeto A COR NO CEU, porque é muito importante para mim o entendimento de como esse projeto se formatou e só foi possível acontecer 20 anos depois.



Mas continuando, então começaram as aulas, e quem foi para a escola foi o palhaço, oras eu era palhaço e oficineiro, essas minhas personas apareceram na escola e foi bacana, oficinas de brinquedos, workshops de teatro, de teatro de bonecos, sombras e animação, e tudo que eu conseguisse inventar, que pudesse ser uma aula.



*(Imagens dos primeiros meses das aulas, ano 2000)

Até o dia que o palhaço, o oficinairo, o animador de festas, teve que virar professor, de escola regular, para ensinar Arte, em duas aulas semanais de 45 minutos e a escola lhe ofereceu um giz branco e uma lousa verde, o material que eu tinha usado nas oficinas até então eu mesmo tinha providenciado, mas o cotidiano, o dia a dia apareceu, e minha primeira aula como professor foi então a Teoria das cores, o mesmo conteúdo do projeto que estou apresentando para a apreciação.

Escrevi na lousa quais eram as cores primárias, secundárias, quentes, frias... mas era inútil, ninguém enxergava, não tinha cor ali, não tinha aprendido, a maioria copiou da lousa de forma automática conversando sobre outras coisas, sem nem perceber o que escrevia no caderno de arte que não tem linha e a escrita ficava totalmente torta.

E foi aí que tudo começou, me questionei, que caminho eu ia percorrer, o de ser um professor frustrado que queria ser ator e artista plástico e tinha virado professor e portanto iria viver a existência, passando a história da arte na lousa para os alunos copiarem, ou utilizaria esses 30 anos que eu tinha pela frente para pesquisar essa possibilidade; a desse ofício de professor, me dedicar a essa **“causa”** chamada educação, nessa área (arte) que é desmerecida de maneira vil em todas as estâncias dentro da engrenagem das escolas públicas. (um exemplo, nós em plena pandemia, a pessoa responsável para fazer a live com os professores de arte da minha DRE, não tinha estudado arte, era professora de ciências, isso não é a primeira vez que acontece, em reuniões presenciais acontece também), e o desrespeito dentro do status profissional perante a sociedade. Outro desrespeito é o tempo/espço das aulas e a materialidade oferecida, como se ensina quatro gêneros da arte, Teatro, Dança, Música e Artes Visuais nesse tempo, em um espaço de sala de aula apertado e cheio de cadeiras e mesas, esses gêneros da arte são linguagens, cada qual com suas particularidades muito específicas, além da história de cada gênero, a biografia dos muitos artistas. O chão abriu em um buraco gigante, mas continuei.

Obviamente escolhi o caminho de pesquisador apesar das adversidades impostas por essa profissão, a primeira foi a financeira, sou professor de apenas uma escola porque trabalhar em duas escolas impossibilitaria a pesquisa, a segunda o investimento, para realizar pesquisa se faz necessário gastos, que nem sempre foram financiados pela escola, principalmente no tocante a produção do material didático que sempre foram patrocinados por mim.

No início não existia o currículo pautado nos quatro dos sete gêneros existentes da arte, Cinema, Literatura e Arquitetura ficaram de fora, e a orientação sempre fora o professor trabalhar o gênero que tinha feito de especialização.

Portanto durante os 18 primeiros anos, o foco foi as artes plásticas e sua linguagem, nesses dois últimos nos de 2018 e 2019, começou-se a construir essa nova abordagem das quatro áreas como meta de um currículo unificado. Também não havia livros didáticos, como sempre houveram os de ciências, matemática, português, história, geografia e inglês, existência dos livros de arte é um fenômeno de cinco anos atrás,

mas com o grave problema de um conteúdo bancário se for usado de maneira institucional.



As primeiras pesquisas de um pensar a aula de forma rica em sua elaboração começam com a criação de cartazes didáticos que são colocados em um varal pedagógico (elástico estirado de um lado ao outro da lousa, isso nos primeiros 15 anos, em 2016 o varal se torna um objeto, que monta e desmonta.), retirado dos conceitos desse instrumental do método de Montessori. Para cada conteúdo das Artes visuais, fui construindo cartazes didáticos, alguns eu mesmo confeccionei, utilizando papel cartão

e colagens, outros eu comprava gravuras em sebos de reprodução de obras de arte e montava as sequencias das aulas. Ao longo desses 20 anos eu produzi centenas de cartazes didáticos, sobre os variados conteúdos que eu trabalho em sala de aula,



Assim como o material do aluno para facilitar a construção de um caderno de arte e das produções. Réguas de gabarito geométrico, tampinhas de garrafa para círculos perfeitos, quadrados de madeira para desenhar, enfim os mais variados *objetos-estratégicos* para o aluno construir esse caderno que traz junto toda uma história de anotações, croquis, figurinhas dadas por mim de obras de arte e textos

colados pra leitura, essas informações são usadas para realizar as produções.

Das várias aulas criadas, a cor já teve vários formatos, utilizando diversos materiais, cada escola que eu trabalhei ofereceu uma situação que eu me adaptei, mas sem dúvida a aprendizagem da teoria da cor com o guache cria toda uma relação aprendizagem material muito significativa. Mas foram



diversas as experiencias coletivas que eu fiz com a cor, desde a utilização de lápis de cor, tinta guache, ou colagem de papeis.



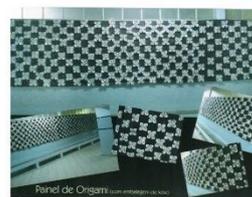
criei aulas onde a produção de cores variadas, utilizando a mistura das cores como foco e o processo se realizou somente no caderno de arte, outros a cor foi usada como pesquisa



para realizar obras coletivas, em outra experiencia artística com a cor foi usado a colagem, enfim fui pesquisando a cada trabalho os processos de aprendizagem que a materialidade exigia e a interação

dos alunos no processo permitia.

Outro ponto importante, que ao longo desses anos foi sendo construído foram os formatos de exposição da produção dos alunos, a cada arquitetura de uma nova escola que eu trabalhava eu criava variações de possibilidades de expor.



Todas as experiências realizadas durante esses anos, me possibilitou depois de vinte anos finalmente realizar um projeto que abarcasse todos os mecanismos didáticos que eu venho pesquisando, mas principalmente que criasse uma estratégia de aprendizado utilizando o lúdico, essa palavra vem sendo usada como palavra mágica que vai resolver os problemas da falta de vontade de estudar dos alunos, e também ela é entendida de forma visual que não a caracteriza, muitos acham que o lúdico seja algo como próximo ao onírico, a fantasia ou pior ao aspecto estereotipado dos desenhos da Disney por exemplo.

Homo Ludens de Johan Huizinga traz toda uma gama de significados diferente sobre o lúdico, como o jogo, a transposição do espaço para um outro que inclui o faz de conta, espaço esse que se distingue do cotidiano, o rito, o sagrado, ficar abaixo do nível da seriedade, como eles fazem quando brincam. Essa estratégia que incorpora os elementos citados é criada para contrapor a cultura do “Aprender é chato”.

Falecendo em 1 de fevereiro de 1945, por muito pouco, Johan Huizinga não presenciou o surgimento de uma categoria de artes visuais que tem exatamente esses aspectos do lúdico, por isso no seu livro, precisamente no capítulo 10. Formas Lúdicas da Arte, ele diz que as artes plásticas não conseguiriam o jogo. Mas em 1959 Allan Kaprow utiliza pela primeira vez o termo Happening, forma de expressão das artes plásticas que envolve a imprevisibilidade, a participação do público, a criação do espaço da participação de um improviso e espontaneidade dirigida e estabelecida por regras ou não.

Não houve tradução do termo para português para designar essa categoria das artes plásticas, aqui no Brasil o Happening ficou com o termo em inglês, que significa acontecimento, como não houve tradução, então vou acrescentar outra palavra também em inglês para nomear esse novo conceito que utilizei no meu trabalho.

Happening to Learn, acontecimento para aprender, mas aprender mais que o conteúdo, que no caso é a teoria das cores, e observar seu próprio processo de aprendizagem e questionar-se sobre esse processo.

Ou seja, criar um acontecimento do aprender, estimular a participação nesse processo que tem características de um jogo, que os participantes tem que cumprir fazes e ir passando para a próxima etapa após a concretização da anterior, cada participante é monitorado no percurso do jogo a cada aula, cada etapa se caracteriza em novas regras e novas tarefas que devem ser alcançadas. A cada fase o espaço e materialidade é diferenciada. Essa estrutura que traz o aluno para o processo é pensada com as estruturas do happening aliado a reflexão do que está fazendo e a metáfora desse processo com a aprendizagem.

Durante todo o tempo do projeto que durou de agosto a dezembro de 2019 na parte que se refere ao processo de construção e fevereiro de 2020 a exposição, esses contextos do lúdico, desse acontecimento para aprendizagem e as regras das etapas foi discutido e desenvolvido como fatores do processo nas aulas. Sendo esse um dos eixo-conceito trabalhado com os alunos.



A apropriação do espaço escolar pelo aluno, ou seja a ocupação do território legítimo dele, muitos acreditam que a escola e do Diretor, inclusive o Diretor, foi uma preocupação ao longo dos anos, construí projetos coletivos onde todos os alunos da escola trabalham o mesmo conteúdo que resulta na ocupação do espaço da escola pela produção criativa dos alunos, uma das primeiras foi o origami, trabalho que estudava a tridimensionalidade.

Assim se o conceito de *Happening to Learn* se refere a um dos eixo-conceito, a *Ocupação do território* se refere a outro eixo-conceito que é trabalhado com os alunos.

Temos então três eixos conceitos sendo trabalhados:

- Eixo-conceito do conteúdo que no caso é a teoria das cores com referência bibliográfica da tese de Ismael Pedrosa “Da cor à cor inexistente.”
- Eixo-conceito da metodologia que se refere a como estará sendo trabalhado o conteúdo sobre uma armação pedagógica que se utiliza do lúdico como forma em detrimento de uma apropriação de uma categoria ou expressão das artes visuais que é o *Happening*, mas revisto sobre uma ótica de aprendizagem como elemento condutor.
- Eixo-conceito da ocupação do território, nesse caso o produto, que os alunos vão produzir para uma exposição de ocupação estética.

Esse termo *eixo-conceito*, e muito mais que conteúdo, metodologia e resultado, ele está presente na aula como referência ao que se está pretendendo, ele é exposto aos alunos e é eixo dos processos pretendidos.

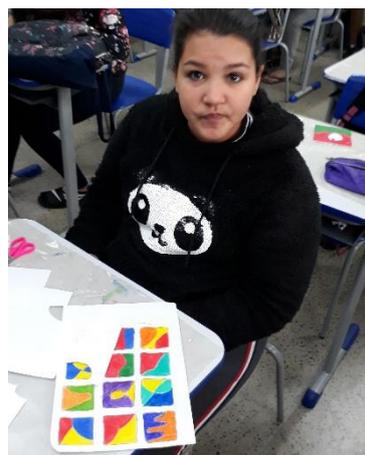
Depois de conversar com os alunos sobre essa proposta o que era o *happening to Learn*, que teria várias fazes e cada uma deveria ser comprida para se chegar ao objetivo final que não era a exposição, mas a **Fruição**. Esse conceito é bem difícil de ser explicado aos alunos em função de existir uma negação por parte da maioria deles ao desenvolvimento para o aprendizado, existe uma cultura de que aprender é chato, que ninguém precisa fazer nada nas aula de arte, na opinião da maioria Arte não precisa estudar porque não reprova ou ainda para fazer qualquer proposta a resposta é não sou artista, não preciso saber desenhar arte não cai no vestibular.

Mas propus para eles tentarem como se fosse um jogo, e apresentei a primeira etapa que trazia a teoria das cores a construção da Folha Pesquisa e a construção das telas de papelão pintadas com guache.



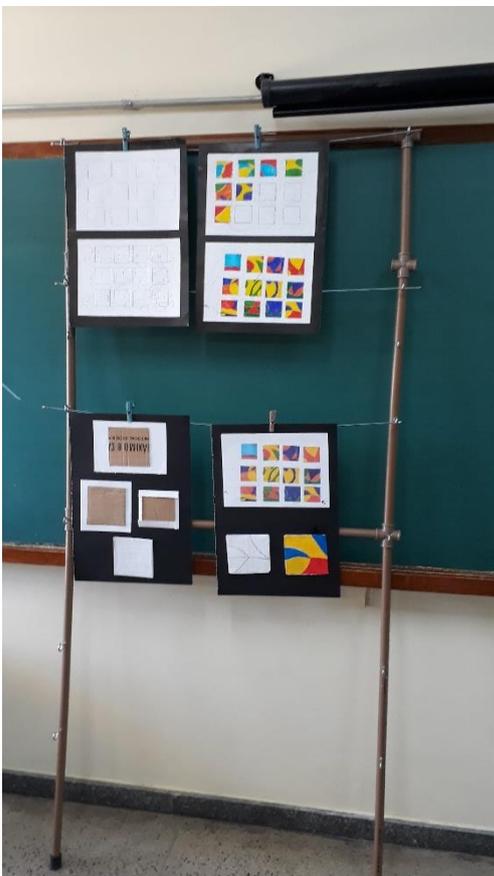
Propositalmente depois de explicar a Teoria das cores eu proponho a construção da *Folha Pesquisa*, com um *objeto-estratégico*, no caso um quadradinho de madeira, cada um deveria desenhar 12 quadrados na folha de sulfite, utilizando a caneta. Na comanda não se exige a equidistância entre as formas, mas essa informação é citada e cada um escolhe como vai fazer, os que optaram por criar a equidistância, utilizam o instrumento régua os que não espalham as formas de maneira como queiram sobre o

papel. Isso é importante porque atinge a todos na sua preferência da construção, para alguns a precisão é muito importante, usar a matemática para a realização é prazeroso para outros se tornaria algo impossível, nessa faz o importante é satisfazer as expectativas de todos perante o caminho da realização da atividade. Depois com o lápis cada aluno riscou sobre os quadrado uma linha orgânica cortando os formatos duas, três vezes, ou ainda numa linha continua o traçado desenha curvas ou se fecha em um círculo mal traçado, feito isso cada participante tem na folha doze composições que ele deve preencher



com cores usando o lápis de cor, tendo como premissa a teoria das cores, ou seja em uma composição se usa as cores primárias, na outra as cores secundárias, as quentes as complementares ou ainda composições que se queira elaborar com as seis cores de preferência, quero ressaltar que nessa comanda o contraponto do aluno não sou artista ou não sei desenhar é eliminado, qualquer pessoa consegue desenhar usando o instrumento quadrado, construir uma linha orgânica e quase uma brincadeira UM JOGO, nesse momento o lúdico contido no eixo-conceito do happening To Learn começa a se caracterizar. Outra coisa importante foi o tempo de construção cada aluno escolheu o seu tempo, alguns inclusive não fizeram, mas a estratégia não foi questionar o aluno a cada aula, mas mostrar para todos onde cada um estava no processo do trabalho ou no percurso do jogo.

Para isso foi usado a estrutura do varal, que é feita de canos de P.V.C com pequenas barras de metal essa estrutura surgiu em 2016 quando eu mudei de escola e o diretor proibiu que eu pregasse pregos para esticar os varais na lousa, então eu produzi o objeto didático que tanto começou a ser usado para expor os cartazes didáticos como também as produções dos alunos, onde a cada aula eu pendurava as folhas pesquisas e assim todos começaram a acompanhar o percurso dessa fase, isso gerou o segundo momento lúdico, alguns alunos começaram a disputar que andava mais rápido na pintura dos quadradinhos, que em determinado momento eu anunciei que ia se encerrar essa fase e comecei a fazer a recuperação com os alunos niilistas que não tinham nem traçado os quadrados enquanto mais da metade já estava na segunda fase.





A cada aula todos nós acompanhávamos a produção e o percurso de cada aluno, a atividade só é feita na sala de aula porque se eles levarem a folha pesquisa para casa 90% não traz na aula seguinte, sim você leu certo 90%, as vezes 80% não faz nem traz a folha na aula seguinte, enfim continuemos, repare na imagem enquanto alguns terminaram a folha pesquisa outros ainda nem tinham traçado os quadrados, ao lado do objeto varal tem as datas das aulas, e o primeiro dia onde todos devem estar na etapa do guache e se encerra a etapa da folha pesquisa, a cada aula os alunos niilistas eram incentivados a fazer, nessa escola as salas são ambientes que por um lado é ótimo porque todo o material fica a disposição durante o processo por outro por praticidade as 2 únicas aulas de artes são na sua maioria juntas criando distorções de faltas com os alunos que faltam no mesmo dia da semana ficando sem aparecer as vezes por um mês inteiro, e quando aparecem precisam ser orientados para o processo,

assim na mesma sala tem cada um num momento do jogo os que estão iniciando a primeira etapa e os que já estão na metade da segunda etapa, mas as etapas terminam em um determinado momento e o aluno que não faz entra numa pequena recuperação forçada e tem que fazer monitorado pelo professor pelo menos parte um ou dois quadradinhos para passar para próxima fase.

A etapa do guache é a festa, todos produzem uma pequena tela de papelão forrado com papel de caderno de desenho, (acho importante ressaltar como a materialidade foi pensada para ser possível na maior das adversidades, coisas básicas para possibilitar o aluno a conseguir o Material, mas mesmo assim a maioria não faz, essa etapa do guache a construção das telas é a lição de casa, mas todos usam o papelão que o professor leva, ninguém faz a lição de casa, depois da primeira experiencia com as tintas começa aparecer as telas nas aulas seguintes, a lição de casa se torna importante.



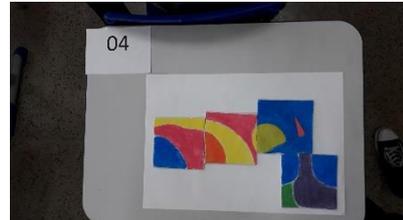
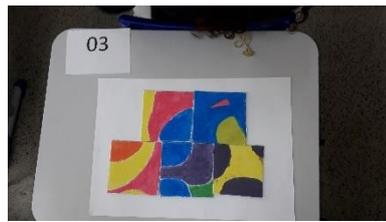
Na segunda etapa o ambiente começa a mudar tem novas regras, só pode pegar um copinho de tinta por vez, e a cada mudança de tinta tem que lavar o pincel na pia que está no fundo da sala, tem que forrar a carteira, e a comanda é reproduzir cada composição da folha pesquisa na tela de papelão forrado de papel, desenhar as linhas antes com o lápis e pintar as cores iguais.





Não houve uma uniformidade no número de telas construídas, cada aluno construiu um número diferente alguns construíram as doze composições da folha pesquisa outros apenas uma tela e outros, poucos, mas houve os que nenhuma tela.

Antes de passar para a terceira etapa um pôpus aos alunos um trabalho que não estaria no projeto a princípio, mas que valeria a pena produzir o material de fotografia fazendo composições com os quadrados pintados. Produzi números em papel para identificar cada um e sobre uma folha de sulfite A4 eles montaram composições com as telas que eles construíram, parecendo que eles montavam quebra-cabeças como se as telinhas de papelão fossem as peças desse jogo.



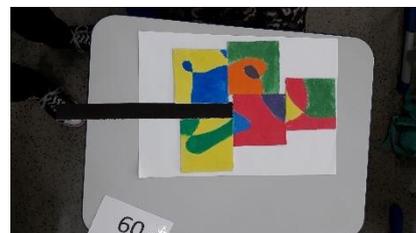
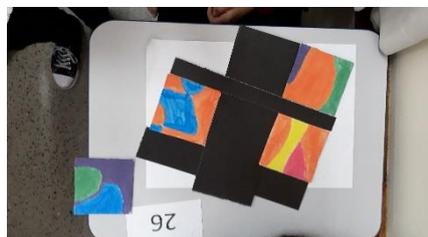
Esse ensaio fotográfico das composições trouxe vários aprendizados tanto para quem fez as telas que as utilizou para fazer as combinações e assim produzir as imagens, como também para os poucos que não conseguiram fazer nenhuma tela porque não interagem com as aulas nem tem preocupações com sua assiduidade e compromisso, mas nesse momento em que todos os que fizeram sentiam muito prazer na atividade, que perceberam o prazer intelectual ou seja a fruição que esse exercício possibilitava gerou uma dimensão de desvantagem perante quem tinha feito, essa reflexão foi instaurada durante a atividade, que no primeiro momento ninguém podia emprestar suas telas o vazio criado na carteira de quem não tinha deu tamanha percepção do fazer como vantagem que dessa fase em diante todos participaram totalmente da terceira etapa, lógico que passado o impacto desse aprendizado ao contrário, foi permitido o empréstimo das telas para quem não tinha ou tinha poucas.

Na aula seguinte eu levei como o trabalho ficaria se tratado em um programa sua iluminação e o corte, e que não seria possível por necessidade de computadores para o tratamento da imagem, papel fotográfico para impressão e uma impressora colorida, que a escola não possibilitaria naquele momento, mas que poderia ser um projeto para 2020.



*Essas foram as fotos de alguns exemplos mostrados para os alunos na aula seguinte.

Outra experiência foi proposta para criação de um material para futuras possibilidades de trabalhos no mesmo esquema mas agora sobre uma prancha branca numerada onde o espaço é maior e possibilita mais margem a criação foi incluído para a utilização na composição três linhas pretas com espessuras diferentes feitas de papel cartão que a cada rodada de fotografia era retirada uma criando uma nova problemática para a composição.



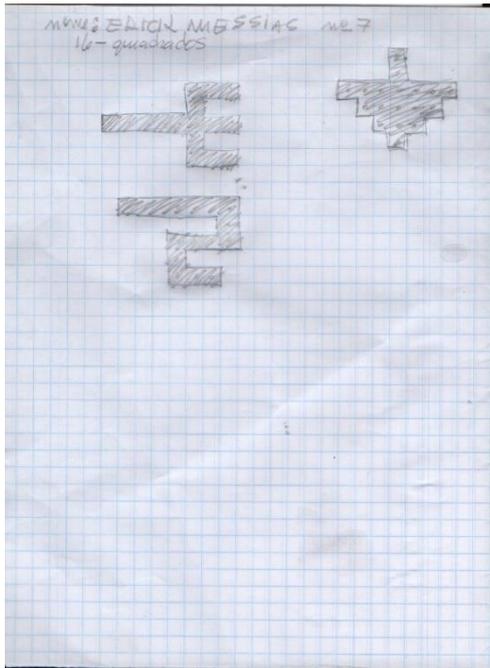
Essa experiência aconteceu em dois encontros, e possibilitou a todos sentir um pouco a fruição, impressionantemente na terceira etapa, o trabalho de grupo, a participação foi total, 100% dos alunos participaram e compareceram nas aulas, houve uma mudança de postura para com a aula e o comando da próxima etapa foi realizada por todos.

No início de 2020 fiz a proposta para a nova professora da sala de informática e ela gostou da ideia e faria o trabalho com o tratamento das imagens com o programa Paint, para clarear e recortar e colocar o nome para a impressão, mas aconteceu a pandemia e tivemos que adiar.

A terceira etapa do projeto pretendeu examinar o trabalho de grupo, algo que comecei a pensar desde dos primeiros anos, porque percebi desde cedo que esse formato de aprendizado não trazia o que realmente é importante nesse modelo, o grupo, na maioria das vezes uns poucos faziam e todos ganhavam a nota, nem se conduzia o trabalho para que a troca de opiniões se estabelecesse, sempre se deixa para o próprio grupo, sem interferência do professor, resolver como se articularem ou promoverem esse “acontecimento de aprender.”

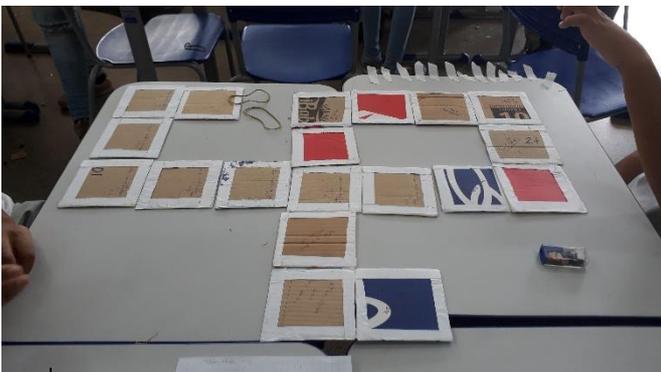
A primeira coisa foi estabelecer a formação de grupos, só poderia se formar grupos até quatro participantes, cada participante traria para juntar com os outros a quantidade de telas quadradas pintadas com guache que tinha para totalizar um montante para o grupo, os poucos alunos que não tinham nenhuma tela também teriam que participar, resolvido a formação dos grupos, contados o número que cada grupo tinha de telas foi proposto a construção da segunda *folha pesquisa*.

Essa folha utilizava a quantidade total que o grupo tinha de telas como referência para realizar uma proposta individual que cada um iria pesquisar, cada aluno em uma folha de papel quadriculada cria formas com a quantidade de quadradinhos que o grupo tem juntando os formatos pelos lados.



Dessa forma cada participante elaborou vários exemplos, uns mais que ou outros, terminada essa etapa, o grupo construiu a forma de decidir qual modelo seria usado para a construção do trabalho, várias propostas foram sugeridas, fazer uma votação, sortear, argumentar enfim cada grupo resolveu de uma maneira.

Depois partimos para a construção, acho importante reafirmar a participação de todos nessa etapa, de maneira quase inacreditável os alunos tomaram outra postura, houve uma total receptividade com os alunos deficientes por parte deles, a estrutura da comanda de trabalho de grupo gerou o pertencimento de todos para a construção de algo que todos se sentiam dentro, não houve faltas, nem brigas, ou baderna, todos trabalharam de maneira a me deixar perplexo.



Tivemos alguns problemas estruturais nessa fase, depois de montar os formatos os alunos ligavam as formas com fita crepe, depois com uma folha de papel e cola eles reforçavam e por último colavam tiras de papelão atrás com cola quente, para dar estrutura. As pistolas de cola quente da escola eram só quatro e duas estavam ruins isso fez com que eu tivesse que reforçar tudo novamente numa pós produção, durante uma semana na minha casa nas férias, algumas vezes a materialidade parece ser exagerada para a gestão, por exemplo nesse caso só seria realmente possível fazer isso se tivesse pelo menos umas 20 pistolas de cola quente e as colas, a toda uma logística não fomentada pelos gestores em detrimento de algo que o professor queira pesquisar, mas estamos trabalhando cada vez mais essa ação de um novo formato de aula e sua possibilidade.

Em função de uma arquitetura aberta do espaço do CEU, que a EMEF faz parte não tem quase espaço de Paredes para expor próximo a parte da escola, mas tem no espaço comum, um salão de exposição e um teatro, esse último utilizado por mim em 2018 e 2019 com um projeto de Teatro pelo mais educação que eu realizei junto com um grupo de alunos interessados.



A Bruxinha que era boa (2018), e Chapeuzinho vermelho (2019) de Maria Clara Machado foram as peças, esse trabalho poderia muito bem concorrer nesse projeto, mas não quis concorrer com trabalhos que são realizados com 10 a 15 alunos que se prontificam a fazer e são inseridos em cenas marcadas pelo professor-diretor que utiliza seu talento artístico para isso e são vestidos por figurinos que o professor-figurinista faz com colagem de feltros em roupas compradas em brechós e são emoldurados por cenografias que o professor-cenógrafo faz porque ele tem conhecimento nessa área e pode usar um teatro e iluminação magníficos, aos olhos são muito atraentes e são sim merecedores talvez de premiação, mas construir um projeto que leva em consideração todos os alunos e que constrói toda uma metáfora de ocupação, que faz

com que os alunos percebam sua ação dentro da escola, seu desenvolvimento sendo administrado por eles, sem dúvida eu acho mais pertinente.

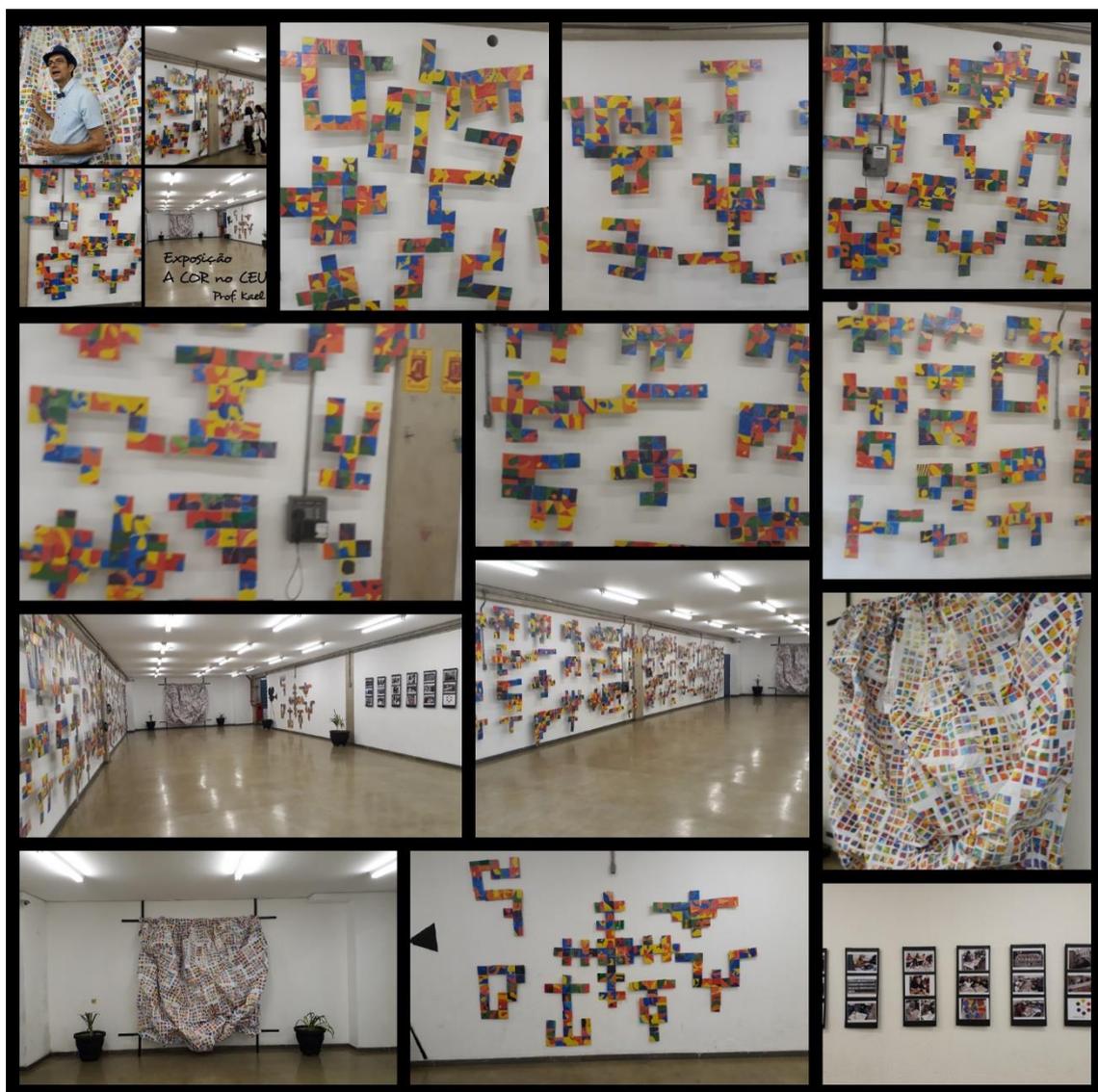
Nem sempre tudo acontece como queremos, a exposição última etapa do projeto e o que vai causar a Fruição que eu esperava, teve que ser deixando para 2020, a começo do ano seguinte, por questões de agenda do espaço que aconteceu a exposição e também por questões de uma pós-produção que teria que ser feito, e foi nas minhas férias, e também a montagem do espaço que eu fui fazer uma semana antes do inicio das aulas.



Além dos objetos construídos pelos alunos que foram colocados no espaço expositivo, outra obra foi construída com as folhas pesquisas de construção das composições que foram coladas umas nas outras e transformadas em uma folha gigante que foi amassada e reposicionada em um bastidor de 4x4metros.



Vale dizer que eu pintei até os vasos que eram verdes e eu os deu uma cor que combinava esteticamente com a exposição.



Junto com os objetos, foi colocado estrategicamente fotos de alguns momentos das aulas, isso fez com que os alunos na visita ao salão revivessem cada etapa e conversassem sobre todo o processo, essa discussão foi levada de volta a sala de aula, e se deu um encaminhamento para então uma nova atitude de todos para as novas propostas, já que os comentários foram muito interessantes, todos se sentiram autores, todos se sentiram representados e pertencentes ao espaço.





O objetivo maior do projeto não era saber a teoria das cores, que eles aprenderam porque o tempo todo tiveram que consultar suas anotações da primeira aula quando eu forneci esse conteúdo, assim na confecção da primeira folha pesquisa, na pintura das telas de papelão com o guache que além da teoria lhes deu um novo aprendizado que foi o da técnica de pintura com guache de forma prática, na elaboração das composições para as sessões de fotografia, e na construção dos objetos em função da comanda detalhar essa preciosidade de também continuar uma preocupação da combinação das cores relacionados ao conhecimento aprendido, exemplo: a parte que se liga do quadrado e verde então pode se ligar ao vermelho que é sua cor complementar e assim foi, mas antes de tudo o objetivo foi encontrar a fruição, em um trabalho que é coletivo, que não tem a assinatura de alguém tem o pensar de todos, tudo que eu escrevo aqui também foi pronunciado em aula, foi conversado foi explorado como

conteúdo também além da cor. Cor também é emoção e todos nós que participamos desse Happening to Learn, que é um acontecimento para aprender, um jogo portanto lúdico, com etapas a serem vencidas e que no final não a perdedor todos nós fomos vencedores e nosso prêmio foi esse encontro com a vantagem, sim a fruição é o encontro com a vantagem de aprender, aprender quando se torna vantagem não é mais chato.

Antes de encerrar meu projeto que é um relato de como venho pensando esse ofício, não sei se esta nos moldes de um projeto para ganhar o prêmio, mas o importante para mim foi poder dividir essa nossa experiência, minha e dos alunos com vocês, que com certeza estão interessados em educação até porque patrocinam esse evento.



Duas coisas são importantes dizer antes de encerrar, a primeira é sobre esse garoto aqui do lado que tem uma síndrome que o impossibilita de ter uma locomoção coordenada satisfatória e uma fala, ele se comunica por gestos, palavras mal articuladas e apesar de poder se locomover arrastando-se pelo chão sua locomoção é de cadeirante, nessa sala são três crianças com necessidades especiais, mas ele é o caso mais agravante, ele participou totalmente da atividade, na primeira etapa

ajudado pela cuidadora, mas na etapa do guache fomos surpreendidos com ele pintando mesmo e se locomovendo sozinho pela sala arrastando sem deixar a ponta do pincel com tinta esbarar no chão, indo até a pia, ficando de pé e lavando o pincel, colocando a ponta em baixo da corrente de água e mexendo com o dedo para tirar a tinta. Isso nos surpreendeu a todos, eu os alunos a cuidadora, todos nós ali naquele momento entramos em comunhão com o aprender com nossa especialidade humana, nesse momento a inclusão funcionou, fomos todos incluídos, nos tornamos cúmplices, mas a inclusão não funciona muitas vezes, ou até na maioria, é um trabalho difícil, que o professor não está preparado e é cobrado de forma errada por parte de órgãos que em vez de ajudar que seria seu papel muitas vezes se tornaram algozes pretenciosos de um trabalho que nem eles sabem como fazer.

A segunda coisa é que o professor de arte tem um contexto diferenciado para com seu trabalho, ele precisa pensar em termos estéticos e precisa vivenciar isso para poder utilizar em suas aulas. Fora a escola eu também tenho um trabalho estético ligado a produção artística nos mais variados veículos vídeo, quadros, objetos, peças, esse exercício me possibilita pensar a escola não como algo estagnado, mas como território de processos.



Obras que realizei ao longo desses anos.

Podia não ter citado esse trabalho porque ele pode parecer um pouco pernóstico, mas eu tenho certeza que o trabalho de artista ajuda o trabalho de professor e vice-versa, mas eu sou privilegiado de morar nem espaço da minha família, que é razoavelmente possível ter esse encontro com a estética, mas eu fico pensando no professor que mora nem apartamento pequeno com dois filhos e a mulher e não tem dinheiro mesmo trabalhando em duas ou três escolas, para comprar pinceis, na minha utopia eu quero ateliês públicos, talvez nos próprios CEUs, espalhados por toda a cidade para o professor entrar em contato com a fruição artística, se não ele nunca vai conseguir montar aulas que tenham por objetivo a fruição.

Assim como também penso nos meus sonhos utópicos de festivais de teatro estudantis que podiam revigorar o teatro amador que existia na década de 70 em plena ditadura e hoje esta morto.

Muito obrigado por me permitirem contar sobre meu trabalho minhas ideias de educação e minha forma de conduzir tudo isso. Esse projeto não terminou ainda ele só esta começando, apesar de ter só 10 anos até a aposentadoria vou aproveitar o máximo esse tempo para colocar outros conteúdos no Happening to Learn, de criar novas possibilidades com o lúdico e de criar mecanismos didáticos que se diferenciem dessa aula que o aluno tem como comanda copiar um teto da lousa que ele nem sabe porque é importante.

Meu nome no R.G é Isaias Carniel Junior, mas quero e sou conhecido com meu nome social:

Kael Carniel.

02 de Agosto de 2020